> "Você fala da minha arte minuciosa do detalhe, do imperceptível etc. O que realizo, ignoro, mas sei o que desejo realizar; ora, eu omito (salvo nas partes de que não gosto) todos os detalhes, todos os fatos, não me prendo senão ao que me parece [...] revelar alguma lei geral. Ora, como isto nunca nos é revelado pela inteligência, como devemos pescá-lo de algum modo nas profundezas do nosso inconsciente, é com efeito imperceptível, porque é distante, difícil de perceber, mas de modo algum é um detalhe minucioso. [...] Por exemplo, você pode achar imperceptível esse sabor de chá que a princípio não identifico e no qual encontro de novo os jardins de Combray. Mas não é de modo algum um detalhe minuciosamente observado, é uma teoria inteira da memória e do conhecimento."[1]

Neste pequeno trecho encontramos alguns aspectos da reflexão proustiana, largamente desenvolvida no último volume de sua obra – *O tempo redescoberto.* Se no primeiro volume – *No caminho de Swann* – o autor narra o episódio da madeleine, neste contexto ele surge simplesmente como a experiência de uma grande felicidade ainda não compreendida. Seu lugar no romance será exato apenas no momento em que Proust faz teoria disto que até então não se afastava do âmbito da sensibilidade.

Esta teoria procura explicar a lei geral citada na carta acima. Benjamin em seu ensaio "A imagem de Proust" preocupa-se em compreender esta lei, já que "sabemos que Proust não descreveu em sua obra uma vida como ela de fato foi, e sim uma vida lembrada por quem a viveu. Porém esse comentário ainda é difuso, e demasiadamente grosseiro. Pois o importante, para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência."[2]

A lei geral que permeia o romance proustiano é a da rememoração, o movimento da memória. Em *No caminho de Swann*, Proust distingue duas maneiras de desdobramento da memória. Assim, a memória voluntária, também denominada memória da inteligência, é aquela usada no cotidiano, para lembrar daquilo que se considera útil, ou seja, o que permite esclarecer o presente e agir sobre ele. Quando se trata de empreender uma compreensão da experiência, da totalidade do passado, este mecanismo torna-se inoperante, trabalho perdido, frustração na medida em que é incapaz de recuperar aquilo que encontra-se perdido, inconsciente. Para esclarecer a distinção entre a memória voluntária e aquela que introduziremos a seguir, convém recorrer ao texto "Proust e a compreensão da dor" de Franklin Leopoldo e Silva, no qual lemos que "(...) a evolução da psicologia mostrou que a memória é, paradoxalmente, a faculdade de esquecer, isto é, de não lembrar senão o que é necessário para esclarecer a situação presente, a ação. Se assim não fosse, a vida cotidiana seria embaraçada por milhares de lembranças liberadas desordenadamente pela memória afetiva."[3]

Proust procura embaralhar a vida cotidiana à vida lembrada, preencher a vida presente que é frustração de seus ideais, com os fatos difusos perdidos em alguma esquina do inconsciente. Ele se aproxima do esquecido através da irmã do esquecido: a memória afetiva, involuntária se usarmos a terminologia proustiana. O esquecimento está para o agir assim como a memória involuntária está para a contemplação da totalidade da experiência.

No entanto, como o próprio nome torna óbvio, a memória involuntária não é ativada por uma livre vontade do sujeito. Sua dependência do acaso torna incerto e talvez impossível o momento no qual a totalidade se presentifica. Portanto, a memória involuntária não depende das vontades da senhora inteligência: espera, às vezes impaciente, o capricho da revelação.

O teor casual torna-se evidente neste trecho de *No caminho de Swann*:

> "Acho muito razoável a crença céltica de que as almas daqueles a quem perdemos se acham cativas em algum ser inferior, em um animal, um vegetal, uma coisa inanimada, efetivamente perdidas para nós até o dia, que para muitos nunca chega, em que nos sucede passar por perto da árvore, entrar na posse do objeto que lhe serve de prisão. Então elas palpitam, nos chamam, e, logo que as reconhecemos, está quebrado o encanto. Libertadas por nós, venceram a morte e voltam a viver conosco.
>
> "É assim com nosso passado. Trabalho perdido procurar evocá-lo, todos os esforços de nossa inteligência permanecem inúteis. Está ele oculto, fora de seu domínio e de seu alcance, em algum objeto material (na sensação que nos daria este objeto material) que nós nem suspeitamos."[4]

Se acompanharmos o desenvolvimento deste texto à luz do episódio da madeleine concluiremos que o que torna possível a recuperação do passado é a identidade entre a situação presente e aquela vivida anteriormente. Ou seja, o sabor da madeleine e do chá despertam a memória da infância através da semelhança das situações. Mas, como o trecho acima indica, é preciso, antes de experimentar a felicidade da identificação, reconhecê-la. Isto feito, libertamos o objeto e a situação esquecida. "Libertadas por nós, vencem a morte e voltam a viver conosco" a felicidade é o resultado da morte vencida, reconhece-se a continuidade entre a situação passada e a presente. Na rememoração proustiana encontra-se o caráter de eternidade, não no sentido de uma eternidade atemporal, mas sim como aquela encontrada na semelhança.

Refazendo agora o percurso e acrescentando o que diz Deleuze em seu livro *Proust e os signos*, a memória involuntária obedece a um imperativo sensível. Assim, "as almas palpitam, nos chamam." O episódio da madeleine só pode ser inteiramente compreendido se o pensarmos à luz de *O tempo redescoberto*, no qual todos os chamados são interpretados como (em Deleuze) signos relacionados à lei geral. Entretanto, a interpretação obedece, primeiramente, a um imperativo sensível, sendo que o trabalho da inteligência é posterior ao chamado. Isto porque a memória involuntária só é capaz de dar uma *simples imagem* da eternidade. Para compreender o seu sentido, bem como para determinar o lugar que a felicidade resultante deste processo ocupa, a inteligência torna-se indispensável. Sem este segundo momento, o trabalho permaneceria incompleto, pois, para Proust, somente a arte pode nos fornecer o tempo redescoberto.

Porém, Benjamin está mesmo interessado no mecanismo da memória involuntária. Como vimos, ela é ativada por uma identificação. O resultado desta identificação é o caráter de eternidade. Entretanto, este caráter refere-se a uma verdade subjacente ao processo de envelhecimento e morte. Assim, percebemos em *O tempo redescoberto*, mais precisamente na recepção da princesa de Guermantes, o efeito da passagem do tempo sobre os seres. Porém, agora podemos perceber o significado real do empreendimento proustiano: encontrar o significado nas permanências reveladas pela mudança, ou seja, a continuidade sob o processo de envelhecimento. Por isso, se seguirmos a análise de Antonio Candido, reconhecemos porquê Proust critica o realismo. Enquanto a literatura dita realista preocupa-se em enumerar fatos estáticos e somar pormenores, Proust está interessado em como os detalhes se expressam numa totalidade. Seu interesse recai sobre este aspecto, pois esta expressão da totalidade não é nada menos do que a expressão da verdade.

Ora, se os detalhes expressam-se numa totalidade é porque na obra proustiana, ao contrário de uma obra realista[5] "o detalhe em si não interessa. Interessa como estímulo para procurar uma afinidade com outros, por meio da analogia."[6] E é por isso, por causa da lei geral, da vinculação oculta, que Proust aproxima-se mais do fluxo real do tempo do que o realismo preocupado em enumerar detalhes desconexos. Benjamin, em "A imagem de Proust" percebera este movimento:

> "A eternidade que Proust nos faz vislumbrar não é a do tempo infinito, e sim a do tempo entrecruzado. Seu verdadeiro interesse é consagrado ao fluxo do tempo sob sua forma mais real, e por isso mesmo mais entrecruzada, que se manifesta com clareza na reminiscência (internamente) e no envelhecimento (externamente). Compreender a interação do envelhecimento e da reminiscência significa penetrar no coração do mundo proustiano, o universo dos entrecruzamentos. É o mundo em estado de semelhança, e nela reinam as "correspondências" captadas inicialmente pelos românticos, e do modo mais íntimo por Baudelaire, mas que Proust foi o único a incorporar em sua existência vivida. É a obra da *mémoire involontaire*, da força rejuvenescedora capaz de enfrentar o implacável envelhecimento."[7]

Terminamos o nosso texto com uma indicação. Tematizando o tempo, Proust escapa, pela obra de arte realizada, ao seu inexorável fluxo. Entretanto, Benjamin negará a saída pela arte. Sua resposta será a elaboração de uma teoria da história, influenciada, em parte, por suas reflexões sobre Proust. Encerramos com um trecho de Franklin Leopoldo e Silva, sobre o caráter insuficiente da redenção artística:

> "Sim, a arte escapa à quase onipotência do tempo, mas para quê? Para que nela se eternize a própria angústia diante do tempo, para que ela seja a testemunha da tentativa desesperada para escapar ao fluxo do tempo, à dor de sua passagem."[8]

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. "A imagem de Proust", in *Magia e técnica, arte e política*, trad. Sergio Paulo Rouanet, ed. Brasiliense, 1985.

CANDIDO, Antonio. "Realidade e realismo (via Marcel Proust)", in *Recortes*, Cia das Letras, 1993.

DELEUZE, Gilles. *Proust et les signes*, PUF, 1964.

PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*, trad. Mario Quintana, ed. Globo, 1998.

_____. *O tempo redescoberto*, trad. Lúcia Miguel Pereira, ed. Globo, 1995.

SILVA, Franklin Leopoldo e. "Proust e a compreensão da dor", in Rev. Discurso 3, 1972.

NOTAS

[1] CANDIDO, Antonio. "realidade e realismo (via Marcel Proust)", in *Recortes*, p. 126-27.

[2] BENJAIN, Walter. "A imagem de Proust", in *Magia e técnica, arte e política*, p. 37.

[3] SILVA, Franklin Leopoldo e. "Proust e a compreensão da dor" in Rev. Discurso 3.

[4] PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*, p. 48.

[5] Usamos este termo no sentido de escola realista.

[6] CANDIDO, Antonio. "Realidade e realismo (via Marcel Proust)", p.127.

[7] BENJAMIN, Walter. "A imagem de Proust" p. 45.

[8] SILVA, Franklin Leopoldo e. "Proust e a compreensão da dor" p. 204.